

O ESTUDO DA CIDADE COMO PRÁTICA EDUCATIVA NO PIBID DE GEOGRAFIA

EL ESTUDIO DE LA CIUDAD COMO PRÁCTICA EDUCATIVA EL PROYECTO PIBID EN GEOGRAFÍA

Daiana Paulino¹
Luciana Fernandes²
Carolina Machado Rocha Busch Pereira³
Valdir Aquino Zitzke⁴

RESUMO

O artigo apresenta o relato da oficina realizada no subprojeto de Geografia do PIBID na Universidade Federal do Tocantins, campus Porto Nacional. A oficina foi direcionada aos alunos de 7º 8º e 9º ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Dr. Pedro Ludovico Teixeira no município de Porto Nacional, TO. O trabalho foi direcionado ao estudo da cidade de Porto Nacional, a partir do lugar de vivência dos alunos, da história da cidade, a relação do bairro com a cidade. As atividades foram orientadas a partir do referencial teórico dos estudos geográficos e a importância que o estudo da cidade desempenha na formação dos alunos.

Palavras-chave: Educação, ensino, oficina.

RESUMEN

El artículo presenta el informe del taller en subproyecto PIBID Geografía de la Universidad Federal de Tocantins, campus de Porto Nacional. El taller estuvo dirigido a los estudiantes de 7º 8º y 9º grado de la escuela primaria Escuela Estado Dr. Pedro Ludovico en la ciudad de Porto Nacional. El trabajo ha sido dirigido al estudio de la ciudad de Porto Nacional, desde el lugar de residencia de los estudiantes, la historia de la ciudad, la relación del barrio con la ciudad. Las actividades se orientaron desde el marco teórico de los estudios geográficos y la importancia que el estudio de la ciudad desempeña en la formación de los estudiantes.

Palabras clave: Educación, enseñanza, taller.

INTRODUÇÃO

O uso de atividades práticas no ensino não é recente, percebendo-se, porém, grande variação no modo de fazê-lo nas diferentes tendências e movimentos dos últimos anos. Foi a

¹ Estudante de Graduação do Curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal do Tocantins – UFT campus Porto Nacional. Bolsista do PIBID do Subprojeto de Geografia. daianapaulino2010@hotmail.com

² Estudante de Graduação do Curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal do Tocantins – UFT campus Porto Nacional. Bolsista do PIBID do Subprojeto de Geografia. lucianafernandeslira@hotmail.com

³ Professora Adjunta do Colegiado do curso de Geografia na Universidade Federal do Tocantins – UFT campus Porto Nacional. Coordenadora de área do PIBID do Subprojeto de Geografia. carolinamachado@uft.edu.br

⁴ Professor Adjunto do Colegiado do curso de Geografia na Universidade Federal do Tocantins – UFT campus Porto Nacional. Colaborador do PIBID Subprojeto de Geografia. vazitzke@hotmail.com

partir do século XX, que as atividades práticas foram separadas das demonstrações do professor (BARRETO FILHO, 2002 *apud* QUEVEDO JESUS *et.al.*, 2002).

Entre as principais funções das aulas práticas estão o estímulo a curiosidade científica de alunos de diferentes níveis de escolaridade, o envolvimento em investigações científicas e o desenvolvimento da capacidade de resolver problemas. Além disso, somente nas aulas práticas os alunos enfrentam os resultados não previstos, cuja interpretação desafia sua imaginação e raciocínio.

Embora a importância das aulas práticas seja amplamente reconhecida, de forma geral constituem-se numa pequena parcela dos programas das disciplinas escolares.

Considerando a importância das aulas práticas para o processo de ensino e aprendizagem este trabalho tem como objetivo apresentar a experiência do PIBID que é norteada desde do planejamento até a execução das atividades pelo princípio de aulas práticas, uma vez que se concebe a experiência PIBID como oportunidade para integrar conteúdos inerentes a área de Geografia com uma linguagem mais atual.

O trabalho irá apresentar uma revisão de literatura referente ao tema das aulas práticas e a importância das atividades práticas na área de Geografia, e o relato de experiência de uma oficina desenvolvida no âmbito do subprojeto de Geografia do PIBID UFT Porto Nacional, que é realizado na Escola Estadual Dr. Pedro Ludovico Teixeira, no Setor Novo Planalto, cidade de Porto Nacional- TO.

AS AULAS PRÁTICAS NO CONTEXTO DO ENSINO DE GEOGRAFIA

Para Cavalcanti (2002, p.12) “o ensino é um processo que contém componentes fundamentais e entre eles há de se destacar os objetivos, os conteúdos e métodos”. A importância da aula prática é colocar em movimento o que foi visto na teoria, onde o professor terá seus objetivos traçados sobre o que ele almeja alcançar, um conteúdo a ser ensinado e seu próprio método a ser utilizado, pois cada professor tem um método para explicar o mesmo conteúdo. O conteúdo pode ser explicado na teoria e depois visto na prática através de um trabalho de campo.

Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem práticas educativas inerentes ao ensino de Geografia, uma vez que ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade, pelos bairros, constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios: vão

formando, assim, espacialidades cotidianas em seu mundo vivido e vão contribuindo para a produção de espaços geográficos mais amplos. Ao construírem Geografia, eles também constroem conhecimentos sobre o que produzem que são conhecimentos geográficos. Então, ao lidar com as coisas, fatos, processos na prática social cotidiana, os indivíduos vão construindo e reconstruindo uma Geografia e um conhecimento dessa Geografia. (CAVALCANTI, 2002)

O ensino de Geografia contribui para a formação da cidadania através da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade crianças e jovens compreenderem o mundo em que vivem e atuam, numa escola organizada como um espaço aberto e vivo de culturas (CAVALCANTI, 2002).

Estudar a Geografia possibilita o desenvolvimento intelectual do aluno a partir da interação do raciocínio do espaço considerando a necessidade do indivíduo entender o conteúdo de ensino. Atualmente há uma problematização do espaço que é produto da globalização do espaço vivenciado. Um espaço que está em constante mudança, não oferece as mesmas oportunidades para todos, produz assim gritantes desigualdades sociais, e que o ensino de Geografia deve oferecer um conhecimento no cotidiano de cada indivíduo para que estes sejam mais bem valorizados no campo em que irão atuar.

A prática de ensino pode influenciar na organização do espaço em que cada pessoa está inserida. A Geografia é a forma de estudo que nos possibilita a observação do modelo atual da paisagem (CAVALCANTI, 2002).

Segundo Oliveira (1998), a Geografia vem sendo chamada cada vez mais para explicar o mundo. Então como entender a importância da Geografia, e ao mesmo tempo o seu desinteresse nas escolas? É grande a dificuldade de aprendizado por parte do corpo discente em relacionar os conceitos da disciplina com o espaço geográfico no qual eles estão inseridos.

Para Cavalcanti (2002) o ensino de Geografia deve levar ao aluno a compreender a realidade sob o ponto de vista de sua espacialidade, ou seja, o espaço geográfico a que ele está inserido.

Para Pinheiro (2006), pode-se explicitar o quanto a elaboração de novas atividades poderá influir na formação do jovem abrangendo não apenas o seu aprendizado científico, mas influenciando também na sua formação humana, visto que a escola é um meio que viabiliza a consciência cidadã.

A Geografia é detentora dos mais variados ramos de saberes e a aula prática surge como uma possibilidade que visa atender as necessidades de compreensão prática do saber teórico, tanto pelos alunos da Graduação como pelos alunos da rede pública de ensino (OLIVEIRA e ASSIS, 2009). Os mesmos autores (2009, p. 199) afirmam que a aula prática é “uma atividade extra-sala/extra-escola que envolve, concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a mobilidade espacial; realidade social e seu complexo amalgamado material e imaterial de tradições/novidades”. É um movimento que tende de elucidar sensações de estranheza, identidade, feiura, beleza, sentimento e até rebeldia do que é observado, entrevistado, fotografado e percorrido.

Na Geografia a busca pelo entendimento do espaço geográfico pelos alunos é um desejo do professor, logo um dos caminhos para chegar a essa compreensão é a aula prática, onde o aluno tem a possibilidade de ter uma visão mais detida e investigativa sobre a realidade a qual está inserido. O espaço investigado deve ser abalizado como uma sociedade em movimento, pois nele está incluso os arranjos de objetos geográficos, sejam eles naturais ou sociais (SANTOS, 2008).

A aula prática permite que os alunos construam conceitos a partir da experiência vivida com o movimento dos objetos geográficos, pois segundo Silva *et. al.* (2010, p.192):

O aluno trabalha o entendimento científico, uma construção do conhecimento “verdadeiro”. A análise do mundo não fica no senso comum, aos poucos o professor trabalha cada etapa até que esse vínculo que o aluno tem com o “achismo”, seja rompido definitivamente, e o aluno esteja preparado para assumir-se como observador do objeto e transformador de sua realidade.

Com a aula prática, a interdisciplinaridade é percebida com maior intensidade, além da construção do conhecimento gerado pelas aulas de campo. Sendo esse um momento importante de abertura para discussões e pontuações no aprendizado dos alunos, compreendendo a visão sistêmica existente por meio dos elementos geográficos (KOZEL, 2010).

Cavalcanti (2002, p. 66) assinala que “o professor de Geografia se defronta na escola com dois tipos distintos de práticas pedagógicas; as instituídas e tradicionais, e as práticas alternativas”: De um lado, uma prática marcada por mecanismos conhecidos de antemão: com a reprodução de conteúdo, a consideração de conteúdos como inquestionáveis, acabados, o formalismo, o verbalismo, a memorização. De outro, algumas experiências e alguns encaminhamentos que começam a ganhar consistência.

Para viabilizar a instrumentalização, faz-se oportuno considerar também as diferentes técnicas de ensino. As técnicas envolvem uma rede de conceitos, a saber: método, metodologia, processo, procedimento, estratégia, tática, recurso, instrumento e atividade (ARAÚJO, 1991).

AULAS PRÁTICAS

Segundo Pimenta (2002), a essência da prática do professor consiste no ensino-aprendizagem, ou seja, garante que a aprendizagem ocorra como consequência da atividade de ensinar. A aula prática envolve conhecimento do objeto e estabelecimento de finalidades, e requer intervenção no objeto para que a realidade social seja transformada. Sendo assim, a educação é um processo dialético de conhecimento do homem historicamente situado.

A aula prática tem uma importância fundamental na hora de trabalhar os conteúdos, pois ela auxilia o professor na hora de ministrar suas aulas, fazendo com que ele confronte os conceitos que trazemos do dia a dia com os conceitos científicos. As aulas práticas podem ajudar no processo de interação e no desenvolvimento de conceitos científicos, além de permitir que os estudantes aprendam como abordar objetivamente o seu mundo e como desenvolver soluções para problemas complexos (LUNETTA, 1991).

E que esse professor venha a inovar os métodos de trabalhar e propor uma dinâmica em suas aulas tornando-as mais criativas. Os conceitos geográficos são instrumentos básicos para compreender e analisar a leitura do mundo do ponto de vista geográfico. Entre as principais funções das aulas práticas, Krasilchik (2008) cita: despertar e manter o interesse dos alunos; envolver os estudantes em investigações científicas; desenvolver a capacidade de resolver problemas; compreender conceitos básicos; e desenvolver habilidades.

Hofstein e Lunetta (1982, p. 203) destacam que as aulas práticas no ensino das ciências “têm as funções de despertar e manter o interesse dos alunos, envolver os estudantes em investigações científicas, desenvolver habilidades e capacidade de resolver problemas e compreender conceitos básicos”.

As aulas práticas propostas nas escolas têm como objetivo complementar as aulas teóricas. A utilização dessas aulas promove uma visualização daquilo que antes estava presente apenas no imaginário dos alunos, motivando o interesse na compreensão da matéria.

Quando os alunos estão pessoalmente envolvidos, aprendem mais, retêm o conhecimento e desenvolvem habilidades de uma forma mais adequada (PENICK, 1998).

Segundo Pessoa (2001), durante uma atividade prática o docente pode estimular o aluno a gostar e a entender os conteúdos, fazendo isso através de práticas que partem da realidade do cotidiano dos alunos.

O PIBID NO CONTEXTO DAS AULAS PRÁTICAS

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma política pública brasileira de valorização da docência para a Educação Básica Pública. O PIBID foi implementado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), desde 2007 e é executado pelas universidades e viabilizado por meio da distribuição de bolsas a três segmentos: licenciandos, professores da rede pública (supervisores) e professores de universidades (coordenadores).

O PIBID objetiva introduzir o licenciando no espaço escolar, para que ele possa compreender seu cotidiano e aprender a lidar com outras situações além da sala de aula, desenvolvendo projetos de caráter inovador. A proposta é que o licenciando passe, assim, a ter uma formação mais sólida, uma vez que se torna mais evidente a correlação entre prática e

O subprojeto PIBID de Geografia desenvolve atividades com adolescentes do ensino fundamental, que vivem em situação de vulnerabilidade social, com dificuldades de aprendizagem e chegam ao projeto por meio da indicação do professor da sala de aula e de seleção realizada no início de cada semestre. Os alunos chegaram ao projeto com dificuldades de letramento, escrita e compreensão. Também muitas vezes os alunos apresentam pouca vontade de aprender, mas em determinadas oficinas muitos mostram interesse nas atividades e interesse em aprender. O projeto proporciona atividades que tem como objetivo promover a construção do conhecimento, dentro de um espaço de ensino-aprendizagem organizado a partir do eixo “Educação cidadã e a contribuição da Geografia”.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, sem dúvida, constitui-se numa das alternativas potenciais para fortalecer a formação inicial, considerando as conexões entre os saberes que se constroem na universidade e os saberes que cotidianamente são produzidos e se entrecruzam nas unidades escolares. A experiência real do

professor em exercício na educação básica é relevante por enriquecer a formação inicial e profissional dos licenciandos, bolsistas do programa, uma vez que estes entram em contato direto com a realidade vivenciada diariamente pelos professores de ensino fundamental e de ensino médio. O objetivo deste texto é o de socializar, parcialmente, alguns aspectos da atuação nas oficinas do PIBID.

A PRÁTICA EDUCATIVA EM OFICINA: METODOLOGIA, MATERIAIS E MÉTODO DE TRABALHO.

Na oficina realizada no Colégio Estadual Dr. Pedro Ludovico Teixeira, trabalhamos com o tema: Conhecendo Nossa Cidade, que por sua vez teve o intuito de mostrar aos alunos as noções de cultura, cidadania e localização.

Porto Nacional é um município brasileiro do estado do Tocantins, é considerado pólo regional próximo à capital Palmas, o município também é considerado capital da cultura, e está localizada no Oriente do Tocantins na Microrregião de Porto Nacional, sendo importante acesso a algumas regiões do estado do Tocantins e da região norte do Brasil.

A oficina teve como objetivo despertar nos alunos o interesse em conhecer a cidade onde vivem, a sua historia, seus habitantes e os lugares. Buscou-se também desenvolver uma postura investigativa a partir da historia e das peculiaridades da cidade de Porto Nacional. Paratando pautou-se na importancia de trazer para a realidade dos alunos a observação em torno da historia e dos acontecimentos que ocorrem em seu lugar de vivencia em que eles estão e a partir do conhecimento levantando permitir que se sintam parte do lugar.

A metodologia utilizada para a oficina foi constituída das seguintes partes:

1. Passo: Uma breve teorização da historia da cidade de Porto nacional
2. Passo: Dinâmica de divisão de grupo
3. Passo: Logo apos a divisão dos grupos, que forão dois, passamos para cada um dos grupos 1 jogo de quebra cabeça, com perguntas e suas respectivas respostas, tudo sobre a cidade de Porto Nacional, onde eles teriam que encontrar as respostas, o grupo que terminasse primeiro e corretamente seria o vencedor.

4. Após a oficina de quebra cabeça fizemos outra dinâmica para vermos se os alunos realmente entenderam a primeira oficina. Fizemos um círculo com os alunos, colocamos as mesmas perguntas dentro de uma caixa, e começamos a passar essa caixa de mão em mão, e onde decidimos parar, o aluno que estivesse segurando a caixa pegava uma pergunta, e tinha que responder.

Os alunos participaram com muito comprometimento as atividades propostas a eles, e por isso foi muito produtiva a oficina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aulas práticas realizadas no âmbito do PIBID tem se mostrado uma experiência em que o aluno-pibidiano mostra sua criatividade, independência e caráter. Essa etapa lhe proporciona uma oportunidade para perceber se a sua escolha profissional corresponde com sua aptidão técnica.

Um docente bem qualificado profissionalmente exerce o verdadeiro papel de cidadão dentro do contexto social, à medida que atua como um agente multiplicador de conhecimentos contribui com a formação de mais cidadãos participativos e possuidores de espírito crítico, verdadeiro objetivo da Educação.

Sobre a oficina desenvolvida no PIBID pelos acadêmicos de geografia, tem feito toda a diferença na nossa vida acadêmica e de futuros professores, pois empenhamos em deixar as aulas propostas mais fáceis de serem compreendidas pelos alunos e sem sombra de dúvidas a prática que vivenciamos da nossa futura profissão.

Durante a realização da oficina não houve rejeição às atividades propostas e os adolescentes demonstraram grande aceitação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Carlos de Souza. Para uma análise das representações sobre as técnicas de ensino. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Técnicas de ensino: por que não?** Campinas: Papyrus, 1991. p. 11-34.

BARRETO FILHO, Benigno. **Atividades Práticas na 8ª Série do Ensino Fundamental: luz numa abordagem regionalizada**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação-Unicamp, Campinas, 2001.

BEATTY, Alix. *Mathematical and scientific development in early childhood: a workshop summary*: National Academies Press, 2005 apud SCHWARTZMAN, Simon; CHRISTOPHE, Micheline. **A educação em ciências no Brasil**, 2009. Acesso em: 31 abril 2016.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de Geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuições de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sonia (Org.). **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 66-96.

HOFSTEIN, A., & LUNETTA, V. N. (1982). The role of the laboratory: neglected aspects of research. **Review of Education Research**, 52(2), 201–217. doi:10.3102/00346543052002201.

FAGUNDES, Antônio. *Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

IVANISSEVICH, Alicia. Saber fragmentado: um retrato do conhecimento científico de nossos jovens. **Ciência hoje**, n. 34, v. 200, p. 26-33, dez. 2003.

KOZEL, S. Representação do espaço sob a ótica dos conceitos: mundo vivido e dialogismo. **XVI Encontro Nacional dos Geógrafos**. Porto Alegre. 2010.

KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Geografia**. São Paulo: Edusp, 2008.

LUNETTA, V. N. Atividades práticas no ensino da Ciência. **Revista Portuguesa de Educação**, v.2, p. 81-90, 1991.

MEKSENAS, Paulo. Aspectos metodológicos da pesquisa empírica: a contribuição de Paulo Freire. **Revista Espaço Acadêmico** – nº 78 – Mensal, novembro 2002. Ano VII.

OLIVEIRA, C. D. M.; ASSIS, R. J. S. Travessias da aula em campo na Geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n.1, p.195-209, jan./abr. 2009.

OLIVEIRA, M. (1998). Trabalho experimental e formação de professores. In Conselho Nacional de Educação (Org.), **Ensino experimental e construção de saberes: Atas do seminário realizado em 21 de Maio de 1998** (pp. 35–53). Lisboa: Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação.

PENICK, J. E. Ensinando Alfabetização Científica. **Educar** n. 14. Curitiba: Editora da UFPR, 1998, p. 91-113.

PESSOA, O, F; **Os Caminhos da Vida**. São Paulo: Scipione, 2001.

PIMENTA, S. G. **O Estágio na Forma de Professora. Unidade Teoria e Prática?** São Paulo: Cortez, 2002.

PINHEIRO, E. S. Percepção Ambiental e Atividade Turística no Parque Estadual do Guartelá - Tibagi – PR. **RAÍE GA**, Curitiba, n. 12, p. 121-134, 2006. Editora UFPR.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib et al. O “estudo do meio” como trabalho integrador das práticas de ensino. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 70, p. 45-42, 1991.

QUEVEDO JESUS, Marilza de Fátima de *et al.* **Existe interesse dos alunos por aulas práticas de Geografia?** Universidade Estadual do Oeste do Paraná / Departamento de Geografia e da Saúde-Cascavel – PR, 2007. Disponível em: acesso em: 12 de abril de 2016.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 6 ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SASSERON, Lúcia Helena. **Alfabetização científica no ensino fundamental: Estrutura e indicadores deste processo em sala de aula**. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Educação, São Paulo, 2008. 265p; anexos: 180p.

SILVA, J. S. R.; SILVA, M. B.; VAREJÃO, J. L. Os (des)caminhos da educação: a importância do trabalho de campo na Geografia. **VÉRTICES**, Campos dos Goytacazes/RJ, v. 12, n. 3, p. 187-197, set./dez. 2010.